



Dois Modelos de Etiqueta Analisados à Luz da Ética da Hospitalidade: resultados preliminares¹

Ana Cristina Maia de Araújo ACOSTA²
Luiz Octávio de Lima CAMARGO³
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

O objetivo desta comunicação é mostrar os dados preliminares de investigação comparativa de dois modelos de etiqueta: um, mais próximo da ética da hospitalidade, que é o **ser/estar-bem junto** com outras pessoas e outro, o seu contrário, que é a busca do **parecer ser**. Para tanto, elegeu-se como campo de observação empírica dois retratos dessa oposição: o livro *Snobérrimo* de Marcelino de Carvalho e *Na sala com Danuza*, de Danuza Leão. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa com recurso à técnica de análise de conteúdo desses dois livros. A análise de conteúdo é uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo de qualquer forma de comunicação. As categorias aqui escolhidas foram as mesmas que Camargo (2003) considera os tempos da hospitalidade humana: o receber, hospedar, alimentar e entreter.

PALAVRAS-CHAVE: etiqueta; hospitalidade; Danuza Leão; Marcelino de Carvalho.

Introdução

As noções de etiqueta e hospitalidade estão imbricadas. Pode-se dizer que a “etiqueta é a forma variável no tempo e no espaço através da qual cada sociedade expressa seu respeito às leis universais e não-escritas da hospitalidade.” (MONTANDON, 2011, p.1303). Receber bem o hóspede é um dever do anfitrião valorizado em todas as sociedades. Mas, a forma como cada sociedade recomenda o tratamento ao estranho, é o domínio da etiqueta.

A etiqueta pode, assim, reforçar ou esgarçar o vínculo humano. Pode ser o instrumento de uma convivência agradável mas também uma prática que conduz à inospitalidade ou mesmo à hostilidade. O mesmo vinho que se serve à mesa pode ter o intuito tanto de expressão de homenagem, de boas vindas ao hóspede, como de exibição afrontosa de riqueza.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Turismo e Hospitalidade do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: acris.acosta@gmail.com

³ Docente do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi e do Bacharelado em Lazer e Turismo da USP/EACH. E-mail: octacam@uol.com.br



O objetivo desta comunicação é comparar dois modelos de etiqueta: um, mais próxima da ética da hospitalidade, que é o **ser/estar-bem junto com** outras pessoas e outro, o seu contrário, a busca do **parecer ser**, do “arrivismo”, daquilo que corriqueiramente se denomina “alpinismo social”.

Para tanto, elegeu-se como campo de observação empírica dois retratos dessa oposição: o livro *Snobérrimo* de Marcelino de Carvalho⁴ e *Na sala com Danuza*, de Danuza Leão⁵. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa com recurso à técnica de análise de conteúdo desses dois livros. A análise de conteúdo é uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo de qualquer forma de comunicação (MINAYO, 2000). Para que seja objetiva, tal descrição exige uma definição precisa das categorias de análise, de modo a permitir que diferentes pesquisadores possam utilizá-las, obtendo os mesmos resultados. As categorias aqui escolhidas foram as mesmas que Camargo (2004) considera os tempos da hospitalidade humana: o receber, hospedar, alimentar e entreter.

Esta pesquisa pode abrir caminho, no futuro, para o estudo de outras “deformações” da hospitalidade humana expressa não apenas em práticas de etiqueta tanto no espaço doméstico, como urbano (inclusive o comercial) e o virtual.

Diga-se antes de mais nada que se trata de um estudo preliminar. Mas acreditou-se que os resultados já eram suficientes e quem sabe de interesse de outros pesquisadores presentes neste Congresso.

O arrazoado aqui será o seguinte: partir-se-á de uma reflexão sobre hospitalidade e etiqueta, para em seguida trazer os dados coletados.

Hospitalidade

Cantada e decantada nos poemas homéricos, na Bíblia, no Alcorão, substrato doutrinal comum às religiões, a hospitalidade sempre designou o desafio do encontro com o estranho, com o “outro”.

A emergência do tema se deve, em primeiro lugar, aos fluxos migratórios de populações de regiões e áreas pobres na direção de países e regiões mais ricos, intensificados a partir da década de 1970. As difíceis condições de vida a que indivíduos e grupos sempre foram submetidos nestas situações despertou o tema tanto na filosofia

⁴Antônio Marcelino de Carvalho, jornalista, foi o grande nome da etiqueta no Brasil dos anos 1950.

⁵Jornalista e cronista social do jornal Folha de São Paulo.



como na socioantropologia. Nesse contexto, surge a noção de hospitalidade incondicional de Derrida (DUFOURMANTELLE, 2003), referindo-se a uma norma costumeira ancestral, anterior à de lei positiva dos códigos de direito, que torna imperativo o dever de abertura e acolhida para o estranho e o estrangeiro. Se os indivíduos e códigos de direito não conseguem assumir tal desafio, já que o ato de acolher outrem não pode ser policiado, nem por isso sua negação deixa de ser vista como omissão. A hospitalidade é, assim, também um estatuto ancestral de ética.

A noção de hospitalidade remete à idéia de um encontro ritualizado (CAMARGO, 2008). Na cena hospitaleira (GOTMAN, 2008), aquele que recebe, o anfitrião, deve honrar seu visitante, atender às suas necessidades de acolhimento, hospedagem, alimentação e entretenimento, convidando-o a desfrutar daquilo de que goste ou necessite (“faça de conta que está em sua casa”), organizando o espaço destinado a este encontro, mas, ao mesmo tempo, vigiando-o. O visitante, por sua vez, deve honrar seu anfitrião com palavras e presentes, sempre tendo consciência do espaço que lhe é reservado e fora do qual todo uso e movimento necessitam de permissão. Ao mesmo tempo, ambos devem estar atentos aos riscos envolvidos. Para o anfitrião, os riscos são os da intrusão, do parasitismo quando não das simples inconveniências dos seus hóspedes. Para estes, os riscos são o de ter pela frente um anfitrião inospitaleiro, desconhecedor das regras do acolhimento, ou que abusa do direito sobre o espaço, até mesmo sufocando o hóspede de gentilezas.

A essas autênticas leis da hospitalidade, somam-se outras vinculadas à noção de dádiva (MAUSS, 1974), já que o acolhimento de outrem é em si uma dádiva e desencadeia contradádivas, num processo que se quer infinito. O dar-receber-retribuir surge como um novo imperativo. Por fim, essas dádivas e contradádivas não devem ter um sentido utilitário no sentido de instrumentalizadas para outros fins ou mesmo monetizadas. O estatuto da dádiva também remete à noção de assimetria, com o protagonismo do anfitrião sobre o hóspede, que se inverte numa nova cena hospitaleira (“na próxima vez o encontro será em minha casa”).

Tudo se passa como se anfitrião e hóspede andassem numa corda bamba dentro da cena hospitaleira, na qual toda hesitação ou deslize, qualquer mau desempenho acarretasse a emergência do oposto da hospitalidade, a hostilidade ou a inospitalidade.

Esse ritual varia do mais informal, nas relações marcadas pela intimidade, quando, como se diz, não há etiqueta, no sentido de que as leis da hospitalidade podem prescindir de gestos encenados, ao mais formal, nas relações mais impessoais, quando a



etiqueta assume toda a sua concretude como cena. Quanto mais estranho é o *hôte*⁶, mais se faz necessário recorrer a atos e atitudes, nas quais prevalecem formas que se entendem mais adequadas para o ritual em curso.

Enquanto prática socialmente produzida, a etiqueta não está imune aos movimentos mais subterrâneos da sociedade. A etiqueta pode tanto revelar o interesse em estreitar laços com outras pessoas, expandir o círculo de amizades, como o propósito agressivo de intimidar os hóspedes com uma exibição de status social. Neste caso, é uma micropolítica (GUATTARI, 1981) de poder, por vezes dentro de uma macropolítica de submissão dos hóspedes (no caso, os súditos), como ocorria nas famílias reais do Antigo Regime.

Não há, pois, **uma** etiqueta, mas **muitas** etiquetas. Infelizmente, poucos estudos investigam a gênese e as características de cada uma. As três aqui lembradas são mencionadas por constituírem a natureza dos três estudos, em nível de pós-graduação, de que se teve notícia, no levantamento bibliográfico inicial.

Figueiredo (2007) aborda a etiqueta do ponto de vista da hospitalidade, quando os indivíduos buscam, por meio de gestos, modos de falar, atitudes, apresentação, visual adequado e seu significado mais profundo demonstrado pelo grau de cortesia e humanidade.

Pereira (2003), em seu estudo antropológico sobre cursos de etiqueta em São Paulo, mostra, logo na abertura de seu estudo, a etiqueta como busca de refinamento, de um comportamento que se tem como típico de extratos sociais superiores.

A etiqueta tem sido difundida como se ela fosse um instrumental útil para “normatizar ou uniformizar” comportamentos em grupos sociais diferenciados engendrando pares de oposições do tipo “elegante/deselegante”, “certo/errado”, “masculino/feminino”, “chic/brega”, “grosseiro/polido”. [...] Para aqueles que a escolhem como aprendizado e prática, a etiqueta significa ou comunica algo (PEREIRA, 2003, p.1).

Finalmente, Frasson (1998, s/p) vê a etiqueta tendo

como principal estrutura de organização o cerimonial do palácio, através do qual o rei podia controlar as emoções, tensões e estabelecer os valores de prestígio hierarquizado na corte, fazendo crescer a interdependência entre o rei e os nobres.

Não obstante o enorme interesse que esta última pesquisa possa despertar-nos que estudam os cerimoniais das estruturas de poder em todos os âmbitos da sociedade, o

⁶ Palavra francesa aqui utilizada porque denomina ao mesmo tempo o anfitrião e o hóspede.



campo de análise restringir-se-á aqui a dois modelos: de uma etiqueta marcada pela hospitalidade genuína, que tem como exemplo próximo, o livro de Leão e outra mais marcada pela busca do refinamento, da distinção social, típica do livro de Carvalho.

Identidade e distinção social

Marcelino de Carvalho sugere em seu livro os comportamentos necessários para a pessoa, em particular o jovem, que quer ter ascensão social, que quer mostrar-se à altura dos extratos superiores da sociedade nos quais quer inserir-se.

[...] um homem moderno que quer se fazer notar nunca deve aparecer com smoking ou casaca saída do alfaiate. Ou o empresta ao empregado para ele “quebrar” o traje ou sai com ele numa noite de chuva, podendo até tomar banho de mar vestido, se houver gente perto para contar a façanha. O traje de rigor ou meio rigor saído do forno é próprio de um maître-d’hôtel ou um crooner de orquestra de jazz. De um gentleman, nunca... (CARVALHO, 1964, p. 8).

Na verdade, certas recomendações beiram o anedótico do arrivista:

Um rapaz de 20 anos precisa ter seu criado de quarto. Precisa ter, é força de expressão. O essencial é dizer que tem. Tenha ou não. [...] Terá uns cinqüenta anos. Cara raspada. Escocês. Cabelo grisalho. Magro. Deve fumar os cigarros do rapaz e beber do seu whisky. [...] E todos acreditam. Por ingenuidade ou comodidade. Não importa. O principal é que acreditem. (CARVALHO, 1964, p. 67).

Por outro lado, Leão (1992) sugere uma conduta valorizando e defendendo a ética nas relações mais do que qualquer procedimento tido como civilizado. A autora esclarece alguns procedimentos e comportamentos diante de certas situações utilizando a presença de espírito e o bom senso.

O modelo de Carvalho é herdeiro dos primeiros manuais de bem vestir, de bem conversar, de bem receber, de bem estar à mesa, surgidos nos séculos XV e XVI, sistematizados por Elias (1993). Como ele bem notou, havia uma dupla ideologia embutida nesses manuais: de um lado, a urbanização crescente e necessidade de novos hábitos de convivência, já que os medievais, a partir de então, eram inviáveis na cidade moderna; de outro, *distinguir* o cidadão, o incluído, dos incivilizados que chegavam às cidades, os excluídos. Esta é a ética embutida na obra de Carvalho.

Mas, da mesma forma do que ocorre com a moda-vestuário, com o lazer, com o turismo, a etiqueta ficou presa até a década de 1950 nessa polaridade de incluídos e excluídos, até que o movimento jovem ganha visibilidade social e aos poucos passa a ser referência cultural para todas as outras faixas etárias. Autenticidade, gratuidade,



foram valores que se impuseram diante do formalismo do primeiro. A obra de Leão (1992) é um retrato dessa sociabilidade que privilegia o sentir-se a vontade e na qual a flexibilidade é um ingrediente indispensável às relações harmônicas.

Se na sua casa existir um único banheiro, no dia de receber os amigos elimine qualquer vestígio os objetos de uso estritamente pessoal. Escova de dentes, desodorante, Plax, creminhos, gilete, tudo isso sai fora e dá lugar a um jarrinho com flores, que tal? E não se esqueça de trocar o sabonete por um novo. (LEÃO, 1992, p. 123).

Após a exposição da etiqueta sob o prisma da distinção e identidade social, proposta pelos autores representativos deste artigo, passar-se-á à ilustração dos preceitos de ambos dentro das categorias de análise escolhidas.

Receber e ser recebido

Como a etiqueta de Carvalho registra os comportamentos necessários a quem recebe e é recebido? Para ele, o moço de “classe” reconhece-se logo de início pela capacidade de agradar.

O primeiro requisito de sucesso social é agradar. Agradar é a maior qualidade que pode ter um homem. Mais do que inteligência, a beleza física ou a bondade de coração. Há pessoas que agradam sem saber porque. Virtude inata. Inconsciente. Tudo que fazem produz esse efeito. Mesmo que seja feito com objetivo contrário. (CARVALHO, 1994, p. 23).

Curiosamente, Carvalho (1964) preocupa-se apenas com o rapaz interessado em subir socialmente:

Um rapaz deve vestir-se bem. O hábito faz o monge. Para os outros e para si próprio. Quando se sai bem vestido, quando a lista da calça cai reta e a gravata cabe bem dentro do colarinho, tem-se a firmeza necessária para o sucesso. Pensa-se melhor e as palavras surgem com mais facilidade. (CARVALHO, 1964, p.23 e 24).

O parecer em vez do ser aparece em quase todas as recomendações de Carvalho (1964, p. 41):

[...] nunca ser absolutamente sincero. A sinceridade é um mau hábito. Tão grande quanto a indiscrição. Ser sincero é ser indiscreto. Quem não é capaz de guardar uma opinião pessoal sobre um fato qualquer, não será capaz de conservar um segredo alheio. É preciso temer os sinceros.

Pode-se dizer que este modelo de etiqueta é ultrapassado, como bem notou acima Leão (1992). Mas continua ainda a frequentar cursos e livros voltados à etiqueta como refinamento. Assim, sua opinião vai no sentido contrário, afirmando que “quando



“você chega a uma casa, bar ou restaurante e encontra um grupo já instalado, não é preciso estender a mão ou beijar cada um. Dê um alô geral, e tudo bem”. (LEÃO, 1992, p.45).

Essa etiqueta mais informal estende-se a outros detalhes:

Um homem sempre se levanta para ser apresentado a uma mulher ou a um homem mais velho. Mas em restaurantes, bares e discotecas, ficam liberados do gesto – devido a falta de espaço –, bastando dizer “Desculpe, não dá para levantar”. (LEÃO, 1992, p. 45 e 46).

As regras formais da antiga etiqueta apenas se justificam por motivos práticos, se os houver: para esse “estar bem” e não causar constrangimento de parte a parte.

Quando se manda um convite com as letras RSVP (*Repondez, s’il vous plaît*: responda, por favor), espera-se a resposta com certa rapidez. Ajuda quem está convidando na previsão da bebida, comida, garçons. Sem contar que, se receber 20 respostas negativas, são mais 20 pessoas que poderão ser convidadas. (LEÃO, 1992, p. 126).

Hospedar e ser hospedado

Carvalho (1964) não aborda o indivíduo hospedando e sendo hospedado e por isso mesmo não traz recomendações específicas. Com base em tudo o que se viu, entretanto, pode-se imaginar a orientação de suas regras válidas para todas as categorias aqui analisadas.

[...] repetir um *potin*⁷ que todos sabem é desenxabido. Revelá-lo, quando só a gente é possuidora do segredo, é dar aos outros um pouco de si. E na vida social, o essencial não é dar. É receber. (CARVALHO, 1964, p. 27).

Observe-se que a recomendação em si é procedente, já que cumpre evitar certos hábitos que podem perturbar a cena hospitaleira, mas o intuito é eticamente perverso. O indivíduo no caso bem pode assemelhar-se a uma das figuras clássicas da inospitalidade, a do parasita. (ROMAN e TOMICHE, 2011, p.837).

Já Leão (1992) incorpora o fato em suas preocupações e as suas orientações mostram-se mais adequadas às leis da hospitalidade humana. Para ela, o anfitrião deve ter seus cuidados:

Quando você hospeda alguém deve tratá-lo como um rei. Se maltratado, um hóspede se sente o mais miserável dos seres humanos. E não vai saber como agir. Se faz as malas e vai para um hotel, é a ruptura. Se fica, sente o clima tenso, pesado.” (LEÃO, 1992, p. 106).

⁷ Uma fofoca.



Esses cuidados com o hóspede implicam em fazê-lo sentir-se “dono da casa”, com todas as reticências implícitas nessa expressão. De um lado, há o cuidado em evitar que ele sinta o anfitrião como uma espécie de seqüestrador que controla todos os seus atos. Dar-lhe as chaves da casa bem pode ser uma medida hospitaleira. Mas outros cuidados também são importantes:

Caso o banheiro seja de uso comum, coloque no quarto uma toalha de banho e uma de rosto. E troque pelo menos a cada dois dias.[...] Na hora das despedidas, juras de amor, volte sempre etc., mesmo que seja tudo mentira. Que seu hóspede fique com a sensação de ser querido – amado. Tão boa, essa sensação. (LEÃO, 1992, p. 107).

“Contudo, o anfitrião continua dono do espaço e deve introduzir o hóspede nas rotinas da casa inclusive a hora em que costuma almoçar, jantar, utilizar equipamentos, etc.” (LEÃO, 1992, p.106).

Mas o hóspede deve homenagear o seu anfitrião, respeitar a sua condição de dono do espaço, retribuir sua dádiva. Eis as recomendações de Leão (1992, p. 103) para uma etiqueta associada ao estar-bem:

A primeira coisa que o hóspede deve deixar claro é até quando vai ficar. Esse detalhe deve ser esclarecido antes da chegada, de preferência. Se você, ao se hospedar, pretende estender a permanência, pergunte se não vai causar transtorno.

A gangorra da hospitalidade é difícil também para o hóspede, conforme exemplifica Leão (1992, p. 104) “tenha um comportamento discreto enquanto hóspede. Nada de tentar criar um clima festivo o tempo todo. Lembre-se de que você está de férias e que as pessoas têm uma rotina de vida”.

Há muitas formas de retribuir a dádiva da hospitalidade do anfitrião. Nada mais razoável assim que o hóspede “de vez em quando convide quem hospeda para jantar fora”. (LEÃO, 1992, p. 105).

Alimentar e ser alimentado

É neste capítulo que as diferenças entre as duas éticas da hospitalidade mais se confrontam. O alimento esta presente em todos os tempos da hospitalidade humana, não apenas na mesma como na forma cotidiana de receber, de hospedar. Pode-se mesmo dizer que alimento/bebida largamente confundem-se com o entreter e ser entretido.

O parecer de Carvalho (1964) em alguns momentos chega a ser anedótico:

Se você foi convidado para uma recepção e, ao chegar, encontra todos bebendo o mais glamuroso dos champanhes, o Don Perignon, faça



força, sirva-se logo de uma boa dose de *whisky*, olhe com nojo para o balde de gelo e diga: eu tomava banho com isso quando bebê. (CARVALHO, 1964, p.51).

O moço que quer parecer refinado deve ter outros cuidados:

Há duas categorias de comidas. As que se comem e as que a gente diz que come. Exemplos da primeira: arroz com feijão, bife com batatas, paçoca com banana Exemplos da segunda: *Truffles au champagne*, *poulet Damidof*, *cannecton farci au Madère* [... Aliás] para passar por fino entendedor de cozinha, é muito mais precioso um bom vocabulário do que um bom paladar. (CARVALHO, 1964, p. 57).

A expressão abaixo justifica até mesmo a hipótese de o autor estar contaminado de um preconceito de gênero, quando não de uma misoginia pura e simples:

Os verdadeiros gastrônomos foram sempre de opinião que só é possível apreciar bons pratos em companhia exclusivamente masculina. As mulheres nunca se sentaram em mesas, onde a divisa é comer bem. [...] Depois seria impossível ser galante ao mesmo tempo com uma mulher e uma perdiz. E é preciso tratar com aprimorada galanteria uma perdiz. (CARVALHO, 1964, p. 61).

Já as recomendações de Leão (1992) parecem mais próximas da hospitalidade, no sentido da busca de um convívio harmonioso. Tanto para o anfitrião:

Sirva o primeiro drinque, mostre onde estão as bebidas e previna com charme que você só serve o primeiro. A partir daí, cada um por si.[...]. “Evite flores perfumadas, ou você já sabe o que fica parecendo.[...] Não fique limpando cinzeiros, pondo guardanapinhos debaixo dos copos para proteger a mesa. Ajoelhou, tem que rezar. E por falar em cinzeiros, que sejam muitos e enormes – dedal é para costurar. (LEÃO, 1992, p. 120).

Como para o hóspede:

Pessoas são convidadas não para serem alimentadas, mas para contribuir de alguma maneira com o sucesso da reunião. Com seu charme, sua beleza, sua inteligência, sua capacidade de serem divertidas. Faça sua parte com brilho. (LEÃO, 1992, p. 114).

Entreter e ser entretido

Este é basicamente o domínio da conversação, embora Leão (1992) recomende ainda que “se pergunte (ao hóspede) se ele gostaria de conhecer ou visitar algum lugar especial da cidade”. Com efeito, aqui as recomendações de ambos seguem na mesma direção. Para Carvalho:

Um rapaz para freqüentar a sociedade, precisa ter noções de geografia. [...] É muito mais importante em geografia social saber-se que a *Place Vendôme* une a Rua *Castiglione* à Rua de *la Paix* do que a certeza de que Tóquio é a capital do Japão. (CARVALHO, 1964, p. 35).



Naturalmente, esse estilo de etiqueta do Antigo Regime é também cioso das diferenças de classe social e traz subentendida a confusão entre o servir e ser servil, o que, na conversação pode aparecer de diversas formas:

Os criados representam um papel importante na vida social. Quando se está em companhia de outros convidados nada que dê mais idéia de intimidade no ambiente do que chamar os criados pelo nome. [...] Além disso, é preciso arranjar um jeito para que eles nos chamem pelo nome. Esse snobismo deve-se estender também aos criados de restaurantes. (CARVALHO, 1964, p.63).

Já as recomendações de Leão (1992), podem ser assim resumidas: “Menos costuma ser mais em festas ou jantares. Comer de menos. Seguindo essa orientação você jamais terá motivos para se arrepender”. (LEÃO, 1992, p. 116).

Considerações finais

A presente pesquisa pode parecer uma comparação entre um modelo do passado, já em desuso, e outro mais atual, em uso. Nem mesmo que são inteiramente opostos. Na verdade, glosando Garcia-Canclini (1998), sobre a América Latina, quando diz que o tradicional ainda não desapareceu e o moderno ainda não chegou completamente, pode-se dizer que a etiqueta aristocrática de Carvalho ainda não desapareceu (assim como a sociedade de classes) e uma etiqueta do estar bem ainda não se implantou inteiramente mesmo nas metrópoles brasileiras. Basta mencionar o desconforto com o horário (ou com a falta de significado do horário) tanto da parte de anfitriões como de hóspedes. Até mesmo já existem modelos de festas, na base do “chegue quando puder”.

Já que se trata de dados preliminares, cabe mostrar os rumos da pesquisa. De um lado, buscar-se-á refinar mais as interações entre as noções de etiqueta e ética. Um filósofo como Kant e sua *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Com sua base iluminista, Kant trouxe para a análise racional conceitos e valores até então típicos dos livros religiosos.

Em segundo lugar, trata-se de ampliar e aprofundar as considerações e reflexões em torno dos dados coletados. Em particular de ressaltar não apenas em que ambos os modelos etiqueta diferem, em parte feito aqui, mas também em que se assemelham. A teoria da hospitalidade é suficientemente rica para permitir tal empreendimento.



REFERÊNCIAS

CAMARGO, L. O. L. **A pesquisa em hospitalidade**. Rev Hospitalidade, ano V, n° 2, p. 23-56, dez. 2008.

_____ **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CARVALHO, Marcelino. **Snobérismo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

DUFOURMANTELLE, Anne. **Convida Jacques Derrida a falar**. São Paulo: Escuta, 2003.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

FIGUEIREDO, Jéssica. **Etiqueta e hospitalidade: do bom-tom às boas maneiras**. 2007. 114f. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade), Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2007.

FRASSON, A. C. **A etiqueta: símbolo de “controle social” na corte de Luiz XIV**. Anais. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba: Núcleo de História da Educação Brasileira PPGE/UNIMEP, 1998. Pág. 61/67.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1998

GOTMAN, Anne. **A encenação da hospitalidade**. In BUENO & CAMARGO. **Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade**. São Paulo: SENAC, 2008.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: as pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981

KANT, I. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

LEÃO, Danuza. **Na sala com Danuza**. São Paulo: Siciliano, 1992.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva e o dom**. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MONTANDON, Alain. **Convidar/receber**. In: MONTANDON (ORG). **O livro da hospitalidade**. São Paulo: SENAC, 2011, p. 1303-1309.

PEREIRA, Daniela Scridelli. **Em busca do refinamento: um estudo antropológico da prática da etiqueta**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2003.

PEREIRA, Daniela Scridelli. **Em busca do refinamento: um estudo antropológico da prática da etiqueta**. São Paulo: Annablume, 2006.

ROMAN e TOMICHE. **Parasitismo: ser hóspede à custa de quem convida**. In MONTANDON (ORG). **O livro da hospitalidade**. São Paulo: SENAC, 2011 p.835-854.